

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

GABRIEL DAVANÇO FONTES

A ANÁLISE DA EXTREMA-DIREITA: O DIAGNÓSTICO
FRANKFURTIANO E O CASO YIANNPOULOS.

Franca
2022

GABRIEL DAVANÇO FONTES

A ANÁLISE DA EXTREMA-DIREITA: O DIAGNÓSTICO FRANKFURTIANO E
O CASO YIANNOPOULOS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo José de Toledo Pedroso

FRANCA
2022

Fontes, Gabriel Davanço
F683a A análise da extrema-direita: O diagnóstico frankfurtiano e o caso
Yiannopoulos. / Gabriel Davanço Fontes. -- Franca, 2022
39 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações
Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientador: Gustavo José de Toledo Pedroso

Orientador: Gustavo José de Toledo Pedroso

1. Extrema-direita. 2. Escola de Frankfurt. 3. Milo
Yiannopoulos. I.

Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade
de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

GABRIEL DAVANÇO FONTES

A ANÁLISE DA EXTREMA-DIREITA: O DIAGNÓSTICO
FRANKFURTIANO E O CASO YIANNOPOULOS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais. Orientador: Prof. Dr. Gustavo José de Toledo Pedroso

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Eduardo Mei

1º Examinador: Hélio Alexandre da Silva

2º Examinador: Albério Neves Filho

Franca 22 de julho de 2022.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho, assim como minha vida acadêmica não seria possível sem as inspirações que rodeiam minha vida.

Começo agradecendo infinitamente minha companheira Larissa Coelho e meu brother Dudu Pádua por desde a minha adolescência me instigar para o estudo. Confesso que sem os puxões de orelha de vocês, provavelmente não teria embarcado, posso dizer seguramente, no que foi o meu maior processo de evolução.

Agradeço também a todos os profissionais que passaram na minha preparação não apenas para o ingresso acadêmico, como também de reconstrução de um conhecimento defasado advindo da nossa educação pública. PS: Deixo um agradecimento em especial aos profissionais e amigades do IPRA. A praxeologia do cursinho popular é uma das coisas mais belas. (Espero um dia poder retribuir para a sociedade).

Aos meus amigos (as) unespianos no geral e minha turma querida XVII. Sério pessoal, sei que não erámos perfeitos, mas vocês têm que concordar que até que foi uma boa caminhada. A fofura do vespertino com a agressividade do noturno era muito engraçada. Aproveito aqui pra fazer minha Mea-culpa, sei que fui chato e malinha as vezes, mas foi só pra irritar.

Agradeço ao corpo acadêmico de Relações Internacionais e a todos prestadores de serviço da Unesp Franca.

Finalmente, agradeço ao meu professor, orientador e amigo Gustavo Pedroso. Agradeço pela paciência, conhecimento e nossas conversas. Sobre tudo, agradeço me ajudar no desenvolvimento de ao menos enxergar as amarras desse mundo.

Entrei no curso alçando o mundo. Conheci e me apaixonei por esse ornitorrinco chamado Brasil.

Unesp Franca eu te amo.

Perante a mentira do mundo da mercadoria, a própria mentira transforma-se em corretivo que denuncia aquela (Theodor W. Adorno, 1951, *Minima Moralia*, Aforismo 22).

RESUMO

O nazifascismo foi um fenômeno que emergiu no período entre as duas guerras mundiais e, apesar de derrotado militarmente, tem prolongamentos no período posterior, sendo possível notar seu fortalecimento em vários países em anos recentes. Esta pesquisa pretende analisar alguns elementos do diagnóstico frankfurtiano do fascismo elaborado ao longo das décadas de 1930-1940 e averiguar se eles ainda são úteis para compreender a extrema-direita tal como ela se configura atualmente. Para isso, serão analisados textos de Theodor Adorno e a explicação do fascismo neles encontrada será depois confrontada com os escritos do agitador contemporâneo Milo Yiannopoulos.

Palavras-Chave: *Extrema-direita; Escola de Frankfurt; Milo Yiannopoulos*

ABSTRACT

Nazifascism was a phenomenon that emerged in the period between the two world wars and, despite being defeated militarily, it has extensions in the later period, being possible to notice its strengthening in several countries in recent years. This research intends to analyze some elements of the Frankfurtian diagnosis of fascism elaborated over the decades of 1930-1940 and to find out if they are still useful to understand the right-wing extremism as it is currently configured. To defend it, texts by Theodor Adorno will be analyzed and the explanation of fascism found in them will then be confronted with the writings of the contemporary agitator Milo Yiannopoulos.

Key words: *Far-right; Frankfurt School; Milo Yiannopoulos*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
O DIAGNÓSTICO	6
O que a pesquisa em TAP abarca?	6
Sobre a estrutura econômica e o impacto no indivíduo.	7
As relações psicanalíticas no indivíduo e a suscetibilidade à propaganda.	8
O funcionamento da pesquisa e metodologia em TAP.....	11
OS ASPECTOS ANTIDEMOCRÁTICOS NO NEOLIBERALISMO	14
A dualidade do Estado	16
O indivíduo empresarial	18
Similitudes	19
Considerações	23
YIANNPOULOS.....	23
Operacionalidade	24
Ideologia e tipologia fascista	29
RESULTADOS	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

A pesquisa teve o intuito de analisar a articulação da extrema-direita contemporânea. Mais especificamente, investigar se elementos do diagnóstico frankfurtiano a respeito – que tinham como referência os movimentos fascistas que alcançaram seu auge durante a Segunda Guerra Mundial – ainda podem ser utilizados como referências relevantes para o estudo da extrema-direita atual. Para isso, foram então selecionados alguns textos de Theodor Adorno que discutiam o fenômeno do fascismo, os quais foram então estudados buscando-se sintetizar o quadro por eles traçado, para finalmente se confrontar este quadro com os livros e publicações do agitador contemporâneo Milo Yiannopoulos (MY).

Vale lembrar que a multidisciplinaridade, concretamente encarnada nos debates e trabalhos realizados conjuntamente por pensadores das mais diversas áreas, fora um dos traços centrais da chamada Teoria Crítica frankfurtiana. O programa científico proposto por Max Horkheimer – na época diretor do Instituto – em seu discurso de posse, assim como, mais tarde, no artigo “Teoria tradicional e teoria crítica”, deu início a um projeto interdisciplinar que buscava unir filosofia e pesquisa empírica (FLECK, 2015). Horkheimer realizava uma crítica à organização da pesquisa sociais baseada na reificação neopositivista da ciência, apontando que as mudanças científicas, dependem, respectivamente, das mudanças sociais (ANTUNES, 2012). Sintetizando este aspecto de “Teoria tradicional e teoria crítica”, Deborah Antunes diz que, para Horkheimer,

tanto o cientista, quanto a ciência produzida por ele, estão intimamente ligados ao aparelho social, uma vez que ambos estão inseridos na divisão social do trabalho; assim, suas realizações – tal como a classificação e a ordenação de fatos visando a uma racionalização total do conhecimento – constituem um momento da preservação do próprio existente. A atividade científica, por conseguinte, quando executada tal como todas as demais atividades sociais, perde sua autonomia e independência, não sendo mais do que outro momento do processo de produção social; embora sua atividade pareça, ao cientista da era liberal, depender de sua autonomia individual. (ANTUNES, 2012, p. 44).

O proposto então na unificação entre filosofia e ciências especializadas tem a função equivalente de contraposição. Por um lado, “opõe-se a um sistema filosófico absoluto metafísico(...), [assim, como se recusa a] “crença na superficialidade aparente dos fatos derivada do positivismo, que destitui a ciência de seus efeitos ‘esclarecedores’” (ANTUNES, 2012, p. 49).

Retornando à questão do fascismo, o contexto social – em meados de 1930 a 1940 – dos membros, é de suma importância para a compreensão do empenho para tal investigação. O exílio nos Estados Unidos, fugindo da perseguição nazista, tem uma dupla causalidade. O

primeiro motivo seria a descendência judaica de grande parte dos membros e; a segunda e principal motivação refere-se a abordagem marxista, principal influência do Instituto.

A ida à Nova York foi fundamental para a indagação acerca do antissemitismo fora do cenário nazifascista europeu¹. “É a partir do assim considerado “antissemitismo social” que o mote de pesquisa de *The Authoritarian Personality* (TAP)² é constituído, culminando na questão: seria possível um fenômeno análogo ao nazifascismo em um país democrático como os Estados Unidos?” (COSTA, 2019, p. 11, grifo nosso).

O DIAGNÓSTICO

O que a pesquisa em TAP abarca?

A pesquisa iniciou-se com a seguinte hipótese maior: “as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo frequentemente formam um padrão amplo e coerente, como se unidas por uma “mentalidade” ou por um “espírito”, e que nesse padrão é uma expressão de tendências profundas em sua personalidade” (TAP, p. 71). Algumas indagações foram feitas: “Se um indivíduo potencialmente fascista existe, como ele se parece precisamente? O que suscita o pensamento antidemocrático? Quais são as forças organizadoras dentro da pessoa? Se tal pessoa existe, quão comumente ela existe em nossa sociedade? E se tal pessoa existe, quais foram os determinantes e o decurso do seu desenvolvimento?” (TAP, p. 73).

Percebe-se que, perante a singularidade do problema – o antissemitismo e a personalidade autoritária –, Adorno aborda a problemática ante ao escopo social geral, ao qual apresentaremos com mais detalhes abaixo. Esse todo social é trabalhado pelo autor em três dimensões: as condições socioeconômicas, a situação do indivíduo frente ao Esclarecimento e, por fim, a subjetividade (PEDROSO, 2015).

¹ “Em relação ao antissemitismo no país, que contava com mais de 4 milhões de judeus (3,5% da população nacional), os autores de Frankfurt constataram um antissemitismo mais ou menos camuflado que se combinava com a aceitação da democracia” (COSTA, 2019, p. 11).

² Referente à *The Authoritarian Personality*. Estaremos aderindo TAP daqui em diante para referenciar a obra traduzida e (ADORNO, 1950) caso necessário alguma citação do idioma original. Ou então Adorno Et al (2019) em caso de citação indireta. Para a execução deste trabalho, estaremos utilizando a mais recente versão brasileira de TAP. A obra foi distribuída pela editora Unesp, conta com a seleção dos textos de Adorno e resumo das partes escritas por Levinson, Sanford e Frekel-Brunswik.

Sobre a estrutura econômica e o impacto no indivíduo.

Para melhor compreensão, há alguns fatores socioeconômicos que, considerados conjuntamente, parecem condicionar fortemente este todo. O primeiro deles é o avanço técnico³. Este, por sua vez, aumentou a dependência do indivíduo em relação à sociedade e, portanto, sua fragilidade, tendo em vista que a urbanização e a industrialização forneceram benefícios como o conforto, mas geraram o fenômeno das grandes massas formadas pelos indivíduos atomizados:

A (...) fragilidade é ainda mais aprofundada pela formação das massas urbanas, grandes aglomerados humanos constituídos por trabalhadores que levam vidas paralelas e próximas, mas que, em função da exploração, do desgaste e das condições gerais de trabalho, encontram-se impedidos de conviver e se socializar efetivamente (PEDROSO, 2015, p. 34).

O avanço técnico também cada vez mais aprofunda o fetichismo como forma de racionalização social (MARX, 2017). Dessa forma

[o] objeto mercantil passa a designar, então, o trabalho humano abstrato, social, quantificável. É nesse âmbito que o fetichismo não representa somente a ocultação das “verdadeiras” relações humanas de produção, mas também trata das relações sociais reais que se mostram efetiva e objetivamente abstraídas. (COSTA, 2019, p. 111).

Nesse âmbito, o fetichismo não só representa o distanciamento das relações humanas com a produção, mas também perpassa por todas as relações sociais.

Até mesmo na mediação entre indivíduo e sociedade, anteriormente exercida pela família na fase liberal do capitalismo, passa a ser substituída pela mercadoria. “Haveria, com isso, uma relação intrínseca entre o avanço do capitalismo, a determinação direta da sociedade sobre o indivíduo e a formação de pseudoindivíduos adaptáveis às determinações sociais” (COSTA, 2019, p. 6). Adorno, por sua vez, argumenta como o fetichismo social demonstra a “relação intrínseca entre ideologia e personalidade, de modo que a ideologia aparece para além de um engano subjetivo, mas é objetivamente produzida na sociedade” (Ibid, p. 115).

Não só as relações familiares sociais, assim como o conhecimento geral passam a ser intermediados pelo capital, mas também toda produção cultural se assemelha ao fabril⁴:

A reunião de conceitos provenientes de diferentes níveis do sistema socioeconômico denotaria a expansão do capitalismo tardio para toda e qualquer manifestação humana, levando à necessidade de tratar elementos culturais em termos que seriam próprios de uma análise econômica. Assim, não só os seres humanos teriam se convertido em

³ Tema de grande importância para as concepções frankfurtianas discutidas na *Dialética do Esclarecimento*.

⁴ O termo “indústria cultural” foi formulado na *Dialética do Esclarecimento* com o objetivo de demonstrar que não só a infraestrutura era dominada pelo capitalismo, mas a música (superestrutura), por exemplo, também havia sido transformada em mercadoria. Ou seja, produzidas e distribuídas com o intuito de criação exponencial de valor (COSTA, 2019).

objetos manipuláveis e substituíveis (...), mas o mesmo ocorre com os conteúdos da expressão humana (Ibid, p. 176-177).

Em segundo, a concentração econômica, que cada vez mais aumenta a desigualdade, além da formação dos monopólios e oligopólios que vão impedindo a sobrevivência dos médios e pequenos produtores. Pedroso sublinha que “o progresso não se deu em um contexto neutro e incondicionado, mas em um quadro de desigualdade e hierarquização, estando os poderosos em condições privilegiadas para se apossar dele e controlá-lo” (PEDROSO, 2015, p. 34).

As relações psicanalíticas no indivíduo e a suscetibilidade à propaganda.

Como, portanto, se configura o indivíduo nessa estrutura? Para Adorno, uma das consequências do avanço do Esclarecimento é a perda da capacidade crítica.

Antes, o juízo passava pela etapa da ponderação (...). Na sociedade industrial avançada, ocorre uma regressão a um modo de efetuação do juízo que se pode dizer desprovido de juízo, do poder de discriminação. (...) Na era do vocabulário básico de trezentas palavras, a capacidade de julgar e, com ela, a distinção do verdadeiro e do falso estão desaparecendo. Na medida em que o pensamento deixa de representar uma peça do equipamento profissional, sob uma forma altamente especializada em diversos sectores da divisão do trabalho, ele se torna suspeito como um objeto de luxo fora de moda. (Ibid, p. 188).

Não só as relações sociais e a cultura foram transformadas, como também a subjetividade, na esfera individual, se converteu aos moldes empresariais:

Ele [o indivíduo como pequena empresa psicológica] surgira como uma célula dinâmica da atividade econômica. Emancipado da tutela imposta em fases econômicas anteriores, ele cuidava de si mesmo: como proletário, assalariando-se no mercado de trabalho e adaptando-se continuamente às novas condições técnicas, ou como empresário, realizando incansavelmente o tipo ideal do homo economicus. A psicanálise apresentou a pequena empresa interior que assim se constituiu como uma dinâmica complicada do inconsciente e do consciente, do id, ego e superego. No conflito com o superego, a instância de controle social no indivíduo, o ego mantém as pulsões dentro dos limites da autoconservação. As zonas de atrito são grandes e as neuroses, (...) são inevitáveis. Não obstante, a complicada aparelhagem psíquica possibilitou a cooperação relativamente livre dos sujeitos em que se apoiava a economia de mercado. Mas, na era das grandes corporações e das guerras mundiais, a mediação do processo social através das inúmeras mônadas mostra-se retrógrada. Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus últimos impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna (Ibid, p. 189-190).

Percebe-se que as condicionantes econômicas são de suma importância para a formação da personalidade e na escolha ideológica do indivíduo. Por outro lado, a questão econômica não pode ser analisada, nem considerada como determinante única. Visto a ambição do Instituto

pelo entendimento social multidisciplinar, parte do estudo foi a investigação de quais fatores extra econômicos tornam o sujeito mais suscetíveis à propaganda fascista. Afinal, se a economia fosse fator determinante único, as pessoas do mesmo status socioeconômico teriam opiniões semelhantes, entretanto, a pesquisa indica justamente o contrário. A necessidade de identificação grupal e a exclusão dos opostos é mais forte que seus interesses racionais, como a melhora econômica própria. Essa irracionalidade impulsiva de exclusão do *outgroup* é racionalizada pela propaganda ao apresentar essa disputa emocional como se fosse uma concorrência racional.

Isso permite compreender a importância que os frankfurtianos atribuem à dimensão psicológica, seja na tentativa de entender o fascismo de forma ampla, seja também na interpretação dos artifícios específicos utilizados na propaganda, pois suspeitavam de que havia “uma concepção comum total, consciente ou inconsciente, que determina cada palavra que é dita” (ADORNO, 1972, p. 410)⁵ por esses agitadores.

Apesar de Sigmund Freud – principal influência para Adorno no entendimento da subjetividade social, principalmente sobre o comportamento das massas – não tratar diretamente de questões políticas, Adorno considerava que ele descrevera aspectos do indivíduo fascista antes mesmo que este emergisse no nazismo. Para ele, a reflexão de Freud sobre a psicologia das massas refere-se ao quadro definido, por um lado, pelo declínio do indivíduo por razões socioeconômicas, e, por outro, pelo anseio deste mesmo indivíduo no sentido de se submeter a poderosas instâncias coletivas externas.

Interpretações anteriores à Freud, como a Alma coletiva de Le Bon (FREUD, 2011), colocavam os fenômenos de massa como “altamente desindividualizadas, irracionais, facilmente influenciáveis, propensas à ação violenta e, de modo geral, de uma natureza regressiva” (ADORNO, 1972, p. 411). Embora concorde com esta descrição, Freud não considera as massas como inferiores *per se*, e por isso questiona: “o que transforma as massas em massas?” Nas palavras de Adorno:

Ele busca descobrir quais forças psicológicas resultam na transformação de indivíduos em uma massa. Se os indivíduos no grupo estão combinados em uma unidade, deve haver, seguramente, algo para uni-los, e este vínculo poderia ser precisamente o que é característico de um grupo (Ibid, p. 412).

⁵ Como não estão disponíveis traduções de “*Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda*”, “*Anti-Semitism and Fascist Propaganda*” e “*The Psychological Technique of Martin Luther Thomas' Radio Addresses*”, citamos estes textos a partir dos *Gesammelte Schriften* publicados pela editora Suhrkamp, com nossas traduções.

Para Freud, não se pode aceitar a hipótese de que a formação de massas se deva à ação de algum princípio biológico arcaico – um instinto social ou de rebanho –, pois os indivíduos contemporâneos estão inseridos em um contexto histórico no qual se desenvolvem como

filhos de uma sociedade liberal, competitiva e individualista, e condicionados a se manterem como unidades independentes e autossustentáveis; eles são continuamente advertidos de que devem ser “duros” e prevenidos contra a rendição. Mesmo que se assumisse que instintos arcaicos, pré-individuais, sobrevivam, não se poderia simplesmente apontar para esta herança, mas ter-se-ia que explicar por que homens modernos reverterem a padrões de comportamento que contradizem flagrantemente seu próprio nível racional e a presente fase da civilização tecnológica esclarecida (Ibid, p. 412).

Ainda nesse âmbito, deve-se ter em mente que as condicionantes estruturais citadas acima, foram também responsáveis pelo enfraquecimento paterno familiar, ou seja, no entendimento freudiano, a mudança do agente autônomo para o assalariado alemão de sua época, enfraqueceu o papel do pai na formação do supereu.

Nesse ponto, o raciocínio freudiano se aproxima justamente rumo à manipulação fascista.

Pois o demagogo fascista, que tem que obter o apoio de milhões de pessoas para objetivos altamente incompatíveis com seu próprio auto interesse racional, só pode fazê-lo criando artificialmente o vínculo que Freud está buscando. Se o método dos demagogos é realista e seu sucesso popular não deixa dúvidas de que o seja poder-se-ia colocar como hipótese que o vínculo em questão é exatamente o mesmo que o demagogo tenta produzir sinteticamente; na realidade, que ele é o princípio unificador por trás de seus vários dispositivos (Ibid, p. 412).

Desse modo, Freud (2011) então questiona: o que poderia ser esse elemento que integra o indivíduo na unidade da massa e que também é utilizado pelos líderes fascistas? Segundo o psicanalista, a hipótese é que a libido seria a essência da alma coletiva.

Tendo em vista que o vínculo libidinal tende a não ser explícito na massa, Freud recorre ao termo “sugestão” para explicar os sentimentos que mantêm as massas unidas. Em seu texto, Freud ilustra como organizações – igreja e o exército – expressam o amor de forma indireta, abrangente e que deve ser copiada⁶ por todos. Que por sua vez, geralmente são intermediadas de forma simbólica como uma imagem religiosa, ou a figura paterna. Já no fascismo desaparece o papel do pai amoroso e auxiliador na construção do supereu, e converte para autoridade. O amor passa a ter um tom de agressividade e fanatismo ao *outgroup*⁷.

A função do líder / agitador é, portanto, manter a energia libidinal no inconsciente, e convertê-la para seus fins políticos. Podemos compreender da seguinte forma: o pai autoritário reduz os indivíduos a peças do grupo; o grupo, a partir dos traços da horda primitiva, deseja ser

⁶ A mimese é outro elemento importante para a manutenção entre líder e seguidor. Esse ponto será melhor trabalhado posteriormente.

⁷ Freud observa que: “No fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores” (FREUD, 2011, p. 41).

governado; dessa forma, “o pai primitivo é o ideal do grupo, que governa o eu no lugar do ideal do eu” (FREUD, 1922, p. 99-100 apud ADORNO, 1972, p. 416). Não importa se ele lidera de fato, o fundamental é surgir a imagem psicológica do líder como o pai primitivo⁸. Essa seria, portanto, a raiz da personificação fascista.

Além do componente pré-edipiano de identificação⁹, o aspecto narcísico complementa a apropriação psicológica das massas pelos opressores. No ato de “devorar” o amado, o objeto começa a ser tratado como um eu, de modo que a libido começa a transbordar para o líder (objeto).

Tendo em vista que certas escolhas amorosas, ampara como substituto de algum ideal de eu, já que seriam elementos “inalcançáveis” e o indivíduo gostaria de possuir. Daí que entra o papel do líder. O indivíduo começa a seguir, tentando buscar, indiretamente, como forma de satisfazer seu imenso desejo de autovalorização – tendo em vista que, cada vez mais, devido as pressões sociais, essa autovalorização “orgânica” torna-se cada dia mais rara. A dicotomia entre o eu racional e auto preservado, e o fracasso de satisfazer as demandas do próprio eu cria anseios [urges] narcisistas que só são saciados pela idealização em forma de transferência parcial da libido para o objeto. Ao projetar-se para o líder forte, o indivíduo se livra das suas frustrações e descontentamentos do eu empírico.

A comunidade do povo fascista corresponde exatamente à definição de Freud de um grupo como sendo “vários indivíduos que substituíram seu ideal de eu pelo mesmo objeto e consequentemente se identificaram uns com os outros em seus eu”. A imagem de líder, por sua vez, empresta, por assim dizer, da força coletiva sua onipotência semelhante à do pai primitivo (Ibid, p. 419).

O funcionamento da pesquisa e metodologia em TAP.

Como supracitado anteriormente, a produção de TAP em solo estadunidense, país até então análogo ao nazifascismo, foi substancial para a formulação inicial da investigação: como seria possível aspectos nazistas em um país com pressupostos democráticos? O que foi constatado é que o fenômeno excedia a localidade europeia – assim como a temporalidade, no

⁸ “A formação da imagem de uma figura paterna onipotente e não controlada, transcendendo em muito o pai individual e com isto apta a ser ampliada em um eu do grupo, é a única maneira de disseminar a atitude passivo-masquista... à qual a vontade tem que se submeter, uma atitude tanto mais exigida do seguidor fascista quanto mais seu comportamento político se torna irreconciliável com seus próprios interesses racionais enquanto pessoa privada, bem como com os do grupo ou classe ao qual pertence de fato” (ADORNO, 1972, p. 417).

⁹ “A identificação é a expressão mais primitiva de uma ligação emocional com outra pessoa, desempenhando um papel na história inicial do complexo de Édipo. Pode bem ser que este componente pré-edipiano da identificação ajude a provocar a separação da imagem do líder como a de um pai primitivo todo poderoso, da imagem paterna real. Uma vez que a identificação da criança com seu pai como uma resposta para o complexo de Édipo é apenas um fenômeno secundário, a regressão infantil pode ir além desta imagem paterna e por um processo analítico alcançar uma mais arcaica” (ADORNO, 1972, p. 418).

caso da presente hipótese. Longe de representar um fenômeno isolado, o antissemitismo representa um perigo inerente do padrão cultural capitalista contemporâneo.

Adorno assinou a obra juntamente com um grupo de psicólogos de Berkeley. Foram aplicados quatro questionários a 2099 pessoas de diferentes grupos (estudantes de Berkeley, trabalhadores de setores administrativos, donas de casa, presos, etc.). A priori, o diagnóstico estava voltado para o antissemitismo, entretanto, com a evolução da coleta de dados, norteou-se para a busca do preconceito contra as minorias de forma geral, principalmente questões etnocêntricas.

A pesquisa foi executada em dois níveis. O primeiro com o intuito de buscar informações superficiais para analisar a ideologia dos entrevistados; e o segundo, ter acesso as forças internas da personalidade. As aplicações foram feitas em grupo, individual e por fim, a integração dos resultados. Este último com a função de checagem, afinal, não se sabia até que ponto esses estudos clínicos poderiam servir para generalizações e afirmações. O cruzamento dos resultados constituiu um processo de aprendizagem para os pesquisadores:

Com o ganho de conhecimento das tendências subjacentes das quais o preconceito era uma expressão, havia uma familiaridade crescente com vários outros sinais ou manifestações pelos quais essas tendências podiam ser reconhecidas. A tarefa então era traduzir essas manifestações em itens de questionário para uso no próximo grupo a ser estudado. O progresso consiste em encontrar indicações cada vez mais confiáveis das forças centrais da personalidade e em mostrar com clareza cada vez maior as relações dessas forças com a expressão ideológica antidemocrática (ADORNO, 1950, p. 13).

A metodologia consistia na aplicação de questionários que buscavam dados de diferentes áreas ideológicas¹⁰: antissemitismo (abreviado para AS), etnocentrismo (E), conservadorismo político-econômico (PEC) e Fascismo (F). Foi incluso também questões abertas ideológicas / clínicas como: “1) questões factuais (a respeito do passado e do presente como igreja, partido político, vocação, renda); 2) escalas de opinião e atitude; e 3) questões projetivas (com resposta livre)”. Ao longo do processo, os questionários foram aprimorados e se tornando menores, e suas afirmações preconceituosas, mais indiretas.

No intuito de localizar atitudes, opiniões e valores autoritários em plena democracia, Adorno Et al (2019) identificaram uma reduzida parte explicitamente antidemocrática. No entanto, verificaram uma vasta quantidade de potenciais fascistas facilmente suscetíveis à agitadores e propagandas autoritárias.

¹⁰ “O plano era determinar a existência de amplas tendências ideológicas, desenvolver instrumentos para sua medição e, então, indagar sobre sua distribuição em populações maiores. A abordagem de uma área ideológica era avaliar suas características mais grosseiras primeiro e suas características mais sutis ou mais específicas depois” (ADORNO, 1950, p. 14).

Pode-se perguntar se o agitador age apenas fazendo propagandas ou realmente programando ataques. Da mesma forma, cabe também o questionamento sobre o apoio a tais ideologias. Sobre esses pontos, foram considerados que na grande maioria dos casos, o apoio ocorre de forma inconsciente e velada. Não obstante, esse estado pode passar para uma defesa aberta e violenta contra o *outgroup* em momentos de crise social. Dessa forma, os autores buscaram localizar quais seriam as gratificações emocionais e pulsionais na adesão autoritária.

Toda essa questão de prontidão e ideologia fazem parte da mesma estrutura¹¹. Por isso, para entender essa estrutura, é necessário o conhecimento da personalidade total¹². Primeiramente temos que diferenciar personalidade de comportamento. A personalidade é anterior ao comportamento e está dentro do ser. Portanto, personalidade não se trata de ações, mas sim sobre a prontidão para agir. Como o chamado é respondido, dependerá, muito das vezes das inibições, ou seja, outras prontidões contrárias.

As forças da personalidade são principalmente necessidades (impulsos, desejos, impulsos emocionais) que variam de um indivíduo para outro em sua qualidade, sua intensidade, seu modo de gratificação e os objetos de seu apego, e que interagem com outras necessidades de forma harmoniosa ou padrões conflitantes. Existem necessidades emocionais primitivas, existem necessidades para evitar o castigo e para manter a boa vontade do grupo social, existem necessidades para manter a harmonia e integração dentro de si (ADORNO, 1950, p. 5).

Se opiniões, atitudes e valores dependem das necessidades humanas, e a personalidade seria a organização das necessidades, logo, a personalidade pode ser considerada um determinante das preferências ideológicas. Entretanto, a personalidade não pode ser um determinante último e único. Ela não é algo dado no início, fixo, mas evolui de acordo com o impacto da sociedade sobre os indivíduos, e não pode ser isolada da totalidade social.

Como já dito, as questões sócio econômicas para a receptividade fascista vão além de dicotomias entre pobres e ricos. Inicialmente, pressupõe-se que as principais moldagens da personalidade ocorrem na infância. Esta sim fortemente influenciada pelos fatores econômicos:

Não é apenas que a família, ao tentar criar seus filhos, procede de acordo com os métodos dos grupos sociais, étnicos e religiosos dos quais faz parte, mas fatores econômicos cruéis afetam diretamente o comportamento dos pais em relação à criança. Isso significa que grandes mudanças nas condições e instituições sociais terão uma influência direta sobre os tipos de personalidades que se desenvolvem dentro de uma sociedade (Ibid. p. 6).

¹¹ “A estrutura pode não ser integrada, pode conter contradições, bem como consistências, mas é organizada no sentido de que as partes constituintes estão relacionadas de maneiras psicologicamente significativas” (ADORNO, 1950, p. 5).

¹² “Essas forças persistentes da personalidade ajudam a determinar a resposta em várias situações e, portanto, é em grande parte a elas que a consistência do comportamento - seja verbal ou física - é atribuível” (ADORNO, 1950, p. 5).

Apesar das consequências do passado, a personalidade não pode ser entendida como um mero objeto no ambiente contemporâneo. Deve-se levar em conta que a estrutura interna do indivíduo é, ao mesmo tempo, capaz de ação sobre a diversidade social e de seleção com respeito a vários estímulos de impacto, mas também muito resistente às mudanças fundamentais. Isso explica a consistência de comportamentos, a persistência de ideologias diante de fatos contraditórios e condições sociais que podem ser radicalmente alteradas.

OS ASPECTOS ANTIDEMOCRÁTICOS NO NEOLIBERALISMO

Até o momento apresentamos a teorização geral do fenômeno “extrema-direita” analisada segundo a primeira geração dos frankfurtianos. Traçamos um quadro que se divide em duas frentes investigativas: a singularidade e a totalidade. Demonstramos que a própria forma organizacional da sociedade contemporânea, ou seja, a totalidade, fornece um conjunto de elementos para que a singularidade (o antissemitismo) ocorra. Cita-se principalmente a desigualdade, hierarquização do avanço do esclarecimento.

Apresentamos também a função da abordagem psicológica no diagnóstico. A princípio porque com a reificação das mais diversas esferas humanas, as funções como a auto-observação, a consciência moral, a censura não está mais formada nos seios familiares. Em outras palavras, a figura formadora do ‘Ideal do Eu’ foi substituída por um ‘Eu do grupo’. Ou seja, não são as medidas morais do próprio indivíduo ou núcleo familiar, mas os critérios impostos pela estrutura e as massas. O que nos leva consequentemente para o segundo ponto: mesmo sem saber, os líderes atuam justamente nessa subjetividade mal formada. Dessa forma, a propaganda funciona como canalizador de frustrações sobrevindas das contradições do sistema ao qual se transforma em ódio. O controle social dos agitadores advém, portanto, das emoções “controladas” que se sobressaem do discurso racional.

Demonstramos também como e o porquê TAP foi executada. Outrossim, esclarecemos que o diagnóstico não pode ser reduzido aos fatores psicológicos, uma vez que esses não são fixos nem determinantes. Da mesma forma, TAP não representou uma ruptura com a materialidade marxiana característica da primeira geração do Instituto, nem sua metodologia é unicamente positivista, mas, como aponta Costa (2019), empírica-crítica¹³.

¹³ “TAP executa o papel de revelação de tensões e contradições individuais, seja entre diversas opiniões fornecidas pelo mesmo entrevistado, seja na contraposição entre enunciados e vivências de um mesmo entrevistado. (...) Contudo, TAP se esforça para averiguar somente as contradições subjetivas enquanto meras absorções e repetições de ideologias que revelariam a alienação humana, deixando de lado uma investigação mais sociológica que designaria as origens e gênese do preconceito. Além disso, TAP não só assume a teoria do fim do indivíduo, como a utiliza para sustentar uma relação legítima entre pesquisa empírica e teoria. É em mais de uma obra que Adorno

Considerando a expansão analítica frankfurtiana do fascismo em território estadunidense, um país com as normas sociais que pretendiam ser democráticas, ratificou o argumento de que o fascismo não seria um regresso, mas estaria de certa forma presente no cotidiano capitalista.

A esse respeito, destaca-se a precaução adorniana com a conjuntura / estrutura e a importância das mudanças sociais, afinal, o objetivo da presente pesquisa remete à atualidade. Notemos essa cautela em TAP: enquanto a parte empírica ainda estava sendo produzida, a União Soviética era aliada. Nesse aspecto, somente os altos pontuadores nutriam sentimento oposto à URSS. Algo que se tornou mais “realista” pós 1945 e parte do ‘padrão geral’ sendo menos diferenciadores *per se* entre os pontuadores altos e baixos¹⁴ (TAP, p. 343). Dessa forma, pode-se sugerir que apesar do fascismo ser intrínseco ao capitalismo, as variantes e particularidades conjunturais devem ser abordadas em cada estudo de caso.

No período da produção do diagnóstico, “o capitalismo teria ultrapassado a sua fase liberal, estando, em seu lugar, em um estágio monopolista e de controle amplo das várias esferas sociais” (COSTA, 2019, p. 130). A análise de Friedrich Pollock da estrutura pós 29 – New Deal dos EUA, planificação econômica da URSS e a ascensão nazista na Alemanha – conhecida como capitalismo de Estado, elucida como as funções mercadológicas haviam sido substituídas e determinadas pela ação governamental, incluindo o controle geral dos preços, ou seja, ao menos no norte global, o Estado estava passando por grandes intervenções governamentais. Isso já demonstrava não só o caráter autoritário entre o governo e o privado, mas também o perigo eminente em toda sociedade ocidental pré segunda guerra.

Hoje, no entanto, as circunstâncias sociais são outras – ou nem tanto. Vivemos na dinâmica neoliberal¹⁵ (BROWN, 2018; 2019; DARDOT; LAVAL, 2017; HARVEY, 2008) advinda dos anos 1970 como resposta para a estagflação que abalava a estrutura do cenário mundial (HARVEY, 2008). A estagflação foi respondida com a chamada “Grande Virada”. Altas taxas de desemprego foram utilizadas como explicativas para minar os sindicatos, validar as desregulamentações e as privatizações da seguridade social, da saúde e do ensino superior (BROWN, 2019; DARDOT; LAVAL, 2017), além de aumentar a dependentismo dos países

defende que o que há de alienado nos sujeitos seria melhor captado mediante métodos de sociologia empírica, uma vez que a alienação não diz respeito a uma análise exaustiva e reflexiva produzida pelos sujeitos sobre o mundo, mas a meras repetições de conteúdos já prontos” (COSTA, 2019, p. 39).

¹⁴ Esse trecho foi escolhido justamente por ilustrar a importância da parte qualitativa perante as possíveis concepções dicotômicas que a parte quantitativa poderia causar.

¹⁵ Antes de prosseguir, compete-nos inteirar o leitor sobre o reconhecimento desse salto temporal do capitalismo de Estado para o neoliberalismo contemporâneo. Devido as limitações, deixaremos a análise minuciosa desse espaço temporal para futuras pesquisas.

periféricos para com o FMI (HARVEY, 2008) e com o centro global (MARINI, 1981; DE OLIVEIRA, 2015).

Além dos efeitos da Grande Virada, quais seriam as características gerais do neoliberalismo? Ou então, o que há de diferente do período frankfurtiano com o atual? Há realmente uma grande diferença no sentido da incubadora de ovos de serpente? Existem aspectos que estão mais favoráveis para a subsistência fascista?

Para responder tais indagações, analisaremos a macro e micro condição. A última representada pelas atuais condições do proletariado, e a primeira pelas políticas de Estado. Mas antes, deve-se esclarecer a abrangência do neoliberalismo. Não se trata unicamente de políticas econômicas e livre comércio, mas de

uma forma de razão normativa que estende métricas e práticas de mercado a todas as dimensões da vida humana – política, cultural, pessoal, vocacional, educacional – transformando radicalmente a governança, o significado e a relação entre público e privado, mercado e Estado (BROWN, 2018, p. 14-15).

Ademais, é necessário também ter em vista suas particularidades. Apesar de ser possível detectar certos padrões, o “neoliberalismo não é singular e nem constante em suas formulações discursivas, implicações políticas e práticas materiais” (Ibid, p. 12). “É globalmente onipresente, porém desunificado e desidêntico a si mesmo, no espaço como no tempo” (Ibid, p. 14). Esse ponto é substancial, pois aponta que as janelas para suscetibilidade ao fascismo estão abertas por todo o globo, mesmo com mecanismos de atuação mais ou menos diferentes. Por exemplo, as ações antidemocráticas europeias, movidas principalmente pelo avanço imigratório ao norte global¹⁶; não são as mesmas forças que a extrema-direita atua na América Latina. Esta promovida, sobretudo, por causa do discurso anticorrupção e do “anticomunismo” ao qual debruçaremos com melhores detalhes à frente.

A dualidade do Estado

Em primeiro, deve-se compreender que o Estado exerce graus de funcionalidades contraditórias. Ao mesmo tempo que precisa ser forte, em determinados aspectos, as rédeas precisam ser soltas. Ao mesmo tempo que a função democrática do Estado é desmantelada em prol de fluxo e acumulação de capital livres, pela falsa sensação de liberdade também conhecido como autogoverno (BROWN, 2018; DARDOT; LAVAL, 2017) e pelos ajustes fiscais a fim de atender o mercado; o Estado também ganha força e age como uma empresa “regida por regras

¹⁶ Na Hungria (THORLEIFSSON, 2017); na França (BENVENISTE; PINGAUD, 2016); na Alemanha (EDDY; ERLANGER, 2017).

de concorrência e submetida a eficácia semelhantes a que se sujeitam as empresas privadas” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 272). Como afirma Brown:

Em vez de ser isolado do grande capital e, portanto, capaz de dirigir a economia, o Estado é cada vez mais instrumentalizado por este último -todas as grandes indústrias, da agricultura e do petróleo aos produtos farmacêuticos e financeiros, manejam as rédeas da legislação (BROWN, 2019, p. 102).

Como efeito dessa fusão entre Estado e privado, observa-se a corrosão da democracia à falsa ilusão de uma autarquia. As descentralizações na produção e na governança, assim como a disseminação da internet, a diminuição da soberania estatal e desregulamentações, não significam que o poder também tenha se disseminado. Na verdade, ocorre o contrário, como pontua Brown (2018), o poder apenas está com novas roupagens e intensidades mais difíceis de nomeá-las e a ela resistir. Apesar das novas máscaras, dificilmente alguém discordaria que esses impactos são cada vez mais perceptíveis ao que atinge diretamente as massas como os direitos (humanos e trabalhistas), e nos recursos de subsistência (saúde e educação).

Se por um lado há desregulamentações e um Estado não intervencionista, pelo outro, pode-se dizer que o neoliberalismo representa também a intervenção estatal, mas em prol da liberação dos movimentos do capital¹⁷. Mas quais seriam as metodologias intervencionistas contemporâneas? Por que o Estado é regido pelas regras da concorrência e são exigidas eficiência da mesma forma que empresas privadas? Segundo Dardot e Laval (2017) ocorreram duas grandes reestruturações pós anos 70: a forma interna – como já citamos – instaurando formas de avaliação e regulamentação de novos instrumentos de poder; mas também por fora com as privatizações que retiram do Estado capacidade de produção em setores estratégicos.

A principal narrativa é a falta de eficiência e produtividade exigidos pelos padrões da globalização. Por exemplo: os custos são altos e colocam entraves à competitividade econômica. Esse tipo de abordagem crítica, não apenas quer analisar o que seria ‘agendas’ e ‘não agendas’, mas discriminar a própria forma de realizar “agendas”. Bens de serviço como segurança, saúde, educação, transporte e moradia são pautados pela cartilha do Estado eficaz, onde “a nova norma mundial da concorrência exige que os dispositivos administrativos e sociais custem menos e se orientem sobretudo para as exigências da competição econômica” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 273).

Além disso, o discurso midiático antiburocrático e contra o peso dos impostos, contribuem para construção de que a ‘coisa pública’ não funciona. Evidentemente, esse discurso

¹⁷ Nesse sentido, pode-se dizer que a livre circulação do mercado mundial é seu totem. Embora, os neoliberais, diferente do liberalismo clássico, têm ciência da fragilidade do mercado mundial e, sem o Estado, esse totem poderia sucumbir (FAUSTO, 2020).

muitas das vezes é financiado por partes interessadas em reforçar seu poder em detrimento da ação estatal. Embora o Estado seja responsável em administrar o social para colocá-lo em serviço das empresas e criar infraestrutura para que o capital transcorra, ele mesmo se curva às regras das empresas privadas e as condições que ajudou a instaurar (Ibid, 2017).

O indivíduo empresarial

Não só a democracia passou a ser gerida como uma empresa, mas também as condutas empresariais apontadas por Adorno – e destacadas na primeira parte desse texto –, estão cada vez mais latentes nas relações sociais. A suposta igualdade prometida pela ‘impessoalidade’¹⁸ do mercado é, na verdade, revertida a competição entre vencedores e perdedores. A liberdade, no neoliberalismo unicamente representa o direito de empreender e da transição do capital (BROWN, 2018).

Enquanto o neoliberalismo busca manifestamente emancipar os indivíduos das redes de regulamentação e intervenção estatais, ele envolve e vincula esses mesmos indivíduos em toda esfera e instituição neoliberalizada da qual participam. Apontando a conduta empreendedora em todos os lugares, ele constrange o sujeito a vestir-se à moda do capital em todos os lugares. Ao mesmo tempo, o sujeito, tomado como capital humano por empresas e macroeconomias, acaba por ficar inteiramente preso às necessidades, trajetórias e contingências dessas entidades e ordens (BROWN, 2018, p. 7-8).

Além disso, há um elemento primordial para o entendimento antropológico e a relação entre o neoliberalismo e os aspectos subjetivos fascistas. O comportamento empreendedor diligente e responsável, porém não recompensado. Por sua vez, deve-se diferenciar o capital humano para si mesmo e capital humano para uma empresa, nação ou até mesmo para um grupo fascista: “ainda que seja um responsável investidor em si mesmo em todos os sentidos, o primeiro pode ainda assim acabar descartado por mudanças imprevisíveis e instáveis nas últimas” (BROWN, 2018, p. 9).

Mas o que leva o indivíduo a essas condições? Para Brown, o indivíduo aceita o sacrifício perante o sucesso de um discurso nacional, teológico, moralizado em prol da saúde e sobrevivência econômica do todo (BROWN, 2018). As consequências incluem uma competitividade suicida, além da

promoção do trabalho duro em profissões e atividades subitamente terceirizadas, [uberizadas] ou eliminadas; (...) a promoção de fundos de aposentadoria privados que derretem a cada crise e depressão do capitalismo financeiro; a promoção de

¹⁸ Notemos a citação de Milton Friedman, um dos arquitetos das teorias neoliberais, argumentando sobre a suposta impessoalidade: “Ninguém que compra pão sabe se o trigo usado foi cultivado por um comunista ou um republicano, por um constitucionalista ou um fascista ou, ainda, por um negro ou por um branco. Tal fato ilustra como um mercado impessoal separa as atividades econômicas dos pontos de vista políticos e protege os homens contra a discriminação com relação a suas atividades econômicas por motivos irrelevantes para a sua produtividade - quer estes motivos estejam associados às suas opiniões ou à cor da pele” (FRIEDMAN, 1977, p. 21).

graduações e outros tipos de formação que falham em garantir empregos e melhores salários (BROWN, 2018, p. 9 - 10).

Dessa forma, os indivíduos são duplamente culpados: seja na microestrutura, onde são responsáveis pelos seus próprios fracassos da autogestão e de seus ‘investimentos’, como também pela culpabilização macroestrutural coletiva advinda de problemáticas de larga escala “como recessões, crises do capital financeiro, desemprego e degradação ambiental, assim como crises fiscais do Estado” (Ibid, p. 36). Porém, as falhas são distribuídas para diferentes e pequenas formas de poder totalmente incapazes de saná-los.

Em outras palavras:

Estes, enfim, investidos da chamada “autoridade decisória” não têm, é claro, os recursos para exercer essa autonomia e soberania fantasmagóricas, essa falsa liberdade de escolha. De forma inversa, as origens do desinvestimento, para não mencionar as condições e poderes que o orquestraram, são demasiado remotas e desconectadas da alocação dos efeitos para serem responsabilizadas (Ibid, pp.36 - 37).

Similitudes

Adorno Et al (2019), por sua vez, elucidou diversos complexos¹⁹ ideológicos da personalidade autoritária que podem nos ajudar no entendimento contemporâneo. Em TAP, já citado acima, a parte empírica (entrevistas) serviu como auxílio à parte qualitativa. Nesta parte, o objetivo era analisar o elo entre ideologia e personalidade.

Mais do que um conjunto de ideias e slogans político-econômicos, as interpretações que Adorno Et al (2019) buscaram para as ideologias vão além. Novamente, a análise da personalidade não deve haver separações da estrutura, nem da subjetividade. Dessa forma, não seria diferente as escolhas ideológicas, uma vez que essa escolha representa uma mediação entre a realidade externa com as necessidades internas do sujeito como satisfação e segurança²⁰. De acordo com Costa (2019, p. 235), seria “como se o padrão ideológico pessoal substituísse algumas funções do eu frágil do autoritário, como o direcionamento da percepção e a organização do conteúdo externo percebido”. Ou seja, a ideologia, segundo a concepção adorniana, seria a expressão das necessidades reais e dos anseios psicológicos.

Outro ponto importante para recordar nessa parte da discussão é os cuidados com as simplificações dicotômicas entre altos e baixos pontuadores. As escolhas ideológicas, por mais que pareça paradoxal à primeira vista, também não representa uma simples variável dicotômica,

¹⁹ ‘Complexo’ devido a configuração ampla e estável que permite a ideia de frequência.

²⁰ “Não alegamos que a psicologia é a causa e a ideologia é o efeito. Mas tentamos inter-relacionar ambas o mais intimamente possível, guiadas pela suposição de que irracionalidades ideológicas, assim como outras irracionalidades do comportamento humano explícito, são concomitantes com conflitos psicológicos inconscientes” (TAP, p. 338).

principalmente as questões econômicas e políticas. É evidente que existem ideologias mais reacionárias – e explícitas – que outras. No entanto, para Adorno Et al (2019), havia um conjunto de componentes que, de certo modo, parecia permear todo padrão ideológico político, seja nos altos ou nos baixos pontuadores. Algo que estaria presente na própria cultura no geral. Estes componentes seriam a ignorância geral e a confusão nas questões políticas; a personificação e o pensamento de ticket; e o ressentimento contra a interferência governamental nos negócios.

Para melhor compreensão, dividiremos a apresentação dos complexos ideológicos em duas partes. Alguns, como os elementos listados acima, nos ajudarão no entendimento antropológico neoliberal, portanto, serão apresentados em seguida. Outros, acreditamos que serão melhores compreendidos na terceira parte, utilizando Yiannopoulos como exemplo.

A começar pela generalização da ignorância sobre política que encontramos em todas esferas da sociedade. Como as pessoas geralmente não sabem do que estão falando, o sentido de ‘opinião’ se esvazia perdendo significado. Nas entrevistas foram detectados alguns fatores que contribuem para o desinteresse e falta de conhecimento político. Por exemplo, o viés prático, somado com o distanciamento emocional para além do seu raio de ação bem definido encontrado nos altos pontuadores é, sem dúvidas, alvos fáceis para movimentos fascistas. De fato, as manipulações nesses casos são conscientes. Além disso, há também problemáticas estruturais como a própria educação que fomentam esse viés prático. A habilidade técnica e fragmentada, cada dia mais solicitada, juntamente com o “realismo” de “cuidar de si próprio” e proteger seus investimentos também favorece o clima fascista.

Pode-se dizer que grande parte dessa ignorância tem como gênese a opacidade social criada pelo próprio sistema. Além disso, muitas ideias ‘progressistas’ são necessariamente bloqueadas por serem potencialmente ‘perigosas’. O que se pode chamar de ‘trava intelectual necessária’ é refletida justamente pelas

atitudes e opiniões de todos aqueles que, por conta de interesses estabelecidos ou de condições psicológicas, identificam-se com a configuração existente. A fim de não minar seu próprio padrão de identificação, eles inconscientemente não querem saber demais e estão prontos para aceitarem informações superficiais ou distorcidas, desde que confirmem o mundo no qual querem continuar vivendo (TAP, p. 352).

Além da natureza prática, o comportamento empreendedor diligente atual é complacente com o cunho utilitarista da inteligência, ao ponto de que a curiosidade ociosa é constantemente desencorajada. Mesmo a economia e política sendo primordiais para a sobrevivência do indivíduo, na maioria dos casos, ainda é “obscura para a população, as pessoas não se importam com coisas que aparentemente tem pouca influência em seu destino e sobre as quais não tem –

e disso são vagamente conscientes – muita influência” (TAP, p. 353). O desapontamento é reforçado pela política ser considerada como forma de negócio e ‘lazer’²¹ que não gera retornos rápidos.

Essas angústias são semelhantes as angústias infantis. Afinal, o indivíduo tem que lidar com problemas que não entende. Desse modo, torna-se necessário desenvolver técnicas toscas e falaciosas para minimamente se orientarem:

Esses meios cumprem uma dupla função: por um lado, fornecem ao indivíduo um tipo de conhecimento, que lhe tornam possível assumir uma posição que é esperada por ele, embora não seja de fato apto a fazê-lo. Por outro lado, eles por si sós aliviam psicologicamente o sentimento de angústia e incerteza e proporcionam ao indivíduo a ilusão de algum tipo de segurança intelectual, de algo que ele pode ater, mesmo que perceba, no fundo, a inadequação de suas opiniões (TAP, p. 356).

O pensamento de *ticket* – facilmente detectado na sociedade neoliberal dos algoritmos – é, o resumo da estereotipia e personificação. A aceitação, mesmo que superficiais, de informações políticas e econômicas, tende a evitar reflexões para além do básico e evita o ‘perigo’ da discordância com a sua bolha.

Devido a ignorância generalizada, o indivíduo tem que sobreviver à base de improvisações discursivas sobre assuntos de economia e política. Há então um hiato sobre o que o sujeito diz e o que ele realmente pensa sobre esses assuntos. Em outras palavras,

sua ideologia “oficial” está de acordo com o que ele supõe que tem que pensar; suas ideias reais são uma expressão das suas necessidades pessoais mais imediatas, assim como seus anseios psicológicos. A ideologia “oficial” pertence à esfera objetivada e alienada do político, a “opinião real” à própria esfera do sujeito, e a contradição entre as duas expressa sua irreconciliabilidade (TAP, p. 371).

Ademais, os partidos já vêm prontos de fábrica como se fosse um produto. Não há o processo dialético entre sujeito e realidade. A sensação de decisão nas mãos dos indivíduos é fundamental, embora o que ocorre, na verdade, são adaptações de uma aparência como uma realidade (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

Adorno Et al (2019) também argumenta sobre a aceitação social da usurpação democrática e a instrumentalização do Estado. No ‘complexo de Usurpação’, o objetivo da mente pseudoconservadora é estabelecer / manter a ditadura do grupo mais rico com promessas de segurança e privilégios caso se junte com as pessoas certas. Nesse âmbito, a destruição da democracia tem o pretexto de categorizar os representantes democráticos como falhos. Os pseudoconservadores “clamam por uma defesa da democracia contra seus “abusos” e, ao atacar os “abusos”, acabam abolindo a democracia por completo” (TAP, p. 400). Somado

²¹ Nesse ponto, Adorno aponta que a imprensa, política e noticiários são consumidos como entretenimento. Do mesmo modo que são consumidos o esporte e o cinema.

a isso, os pseudoconservadores têm uma concepção subjacente de legitimidade: “os governantes legítimos são aqueles que estão realmente no comando do maquinário da produção – não aqueles que devem seu poder efêmero aos processos políticos formais” (Ibid, p. 401). Ainda nesse ponto sobre legitimidade, “os pseudoconservadores sentem um elemento de inverdade na ideia do governo democrático “deles” e percebem que eles não determinam realmente seu destino como seres sociais indo às urnas” (Ibid, p. 402). Esse sentimento não é direcionado contra a desigualdade econômica ou a busca pela igualdade política formal, mas contra a forma democrática como tal²².

Outro ponto interessante do padrão ideológico – também facilmente encontrado no discurso contemporâneo neoliberal – é a interferência governamental nos negócios. Nesse tópico, Adorno novamente reitera que não há uma linha nítida separando os que eram a favor ou contra as intervenções de acordo com o grau e pontuação. A diferença, de fato, se encontrava na forma que os grupos expressavam sua crítica. Nos altos pontuadores, a interferência na economia é apenas mais um complemento do complexo de usurpação, uma questão de arbitrariedade ditatorial que prejudica aqueles que ‘trabalham duro’. Nos medianos, a interferência é indispensável em tempos difíceis como o da guerra, mas se contradiz com princípios fundamentais do liberalismo. Dessa forma, o Estado se enquadra como um mal necessário. Já nos baixos pontuadores, a crítica é pautada pelo medo da abolição autoritária das instituições democráticas e da vida individualista. Por fim, Adorno El al (2019) destaca a ausência de crítica para com os monopólios. Para o autor, provavelmente pelo desconhecimento do poder anônimo que essas empresas exercem.

O filósofo também fornece algumas pistas sobre a aceitação sacrificial discutida por Brown. A infatigabilidade, dispositivo utilizado pelos agitadores, pode muito bem ser utilizado no ambiente empresarial, assim como facilitar sua utilização pelos agitadores devido a incorporação pelo *establishment*. Trata-se do líder (gerente / líder da sessão) sacrificar sua energia em prol do bem dos seus seguidores (funcionários). Ao mesmo tempo, ele também caracteriza o inimigo (concorrente) como incansável²³, podendo assim, solicitar que os funcionários façam o mesmo.

²² “Em vez de tentar dar a essa forma seu conteúdo adequado, querem acabar com a própria forma de democracia e transferir o controle direto para aqueles que consideram, de qualquer maneira, os mais poderosos” (TAP, p. 402).

²³ “Nenhum descanso deve ser dado, a menos que *tudo organizado* [a meta seja atingida]. E uma vez que esse *objetivo* [meta] nunca será alcançado, os esforços incessantes de cada seguidor são necessários” (ADORNO, 1975, p. 23 – 24, grifos nossos).

Considerações

Voltando às questões iniciais: será mesmo que as coisas mudaram tanto assim desde o entre guerras? Há um ‘neosujeito’?

Ao que parece, no sentido de atomização e enfraquecimento do indivíduo, as coisas não se transformaram. Se analisarmos de acordo com a perspectiva frankfurtiana, é perceptível, na verdade, uma amplificação na hostilidade tanto por parte das políticas públicas de Estado, quanto pelas condições trabalhistas e de subsistência, evidentemente com camuflagens mais sofisticadas. Não se trata de negar as mudanças da operacionalidade do capital, nem de reconhecer as atualizações na atuação política, como a internet – que discutiremos mais à frente. No entanto, partindo do recorte proposto – se é possível utilizar o diagnóstico frankfurtiano para analisar o clima fascista contemporâneo –, nota-se que as consequências antropológicas advindas da reificação material e imaterial, que já havia sido detectada pelos frankfurtianos há tempos, ainda permanecem válidas no neoliberalismo.

YIANNOPOULOS

Assim como há aspectos da personalidade autoritária que perpetuam na sociedade neoliberal, não seria diferente os agitadores que se adequaram na funcionalidade contemporânea. Para a execução da presente pesquisa, foi escolhido como objeto secundário o agitador Milo Yiannopoulos (MY).

MY, ativista que nega rótulos como da *alt-right* / *far-right*, ascendeu para uma posição de destaque e se tornou bastante popular nos Estados Unidos a partir de 2014, até ser banido do *Twitter* e sair do *Breitbart News*²⁴ em 2017. Se apresenta como um defensor da “liberdade de expressão”, um rebelde contra o *establishment* (MY, 2017), anti-feminista, anti-imigrantes, anti *Black Lives Matter*. Brown acredita que MY

ascendeu efemeramente ao sucesso comercial por meio da sujeição de todo grupo social subordinado e de toda causa progressista a viciosos insultos supremacistas, Milo também talhou uma persona queer extravagante, bacante, perturbadora da vida pública e livre para dizer qualquer coisa desqualificada sobre qualquer um e em qualquer lugar. Alegando que só se importaria com tal liberdade, se é que se importa com alguma coisa, e convidando seus seguidores a serem igualmente irreverentes e irresponsáveis (...) (BROWN, 2019, p. 149).

²⁴ Ponto de encontro para a extrema-direita estadunidense, nacionalistas, conspiracionistas e militaristas. O site de notícias e opiniões que frequentemente promove abertamente ideologia nacionalista branca. De acordo com Neiwert (2017), as narrativas carregadas de preconceito racial, étnico, religioso, sexual e de gênero podem ser observadas principalmente na seção de comentários. No período de atuação de MY, o blog tabloide estava sobre o comando de Steve Bannon, ex-estrategista-chefe da Casa Branca, conselheiro sênior de Donald Trump e espécie de líder guru internacionalista da extrema-direita contemporânea.

O analisaremos pelos seguintes motivos: primeiramente, verificar a constância das descrições frankfurtiana sobre dispositivos utilizados pelos líderes, ou seja, propomos um estudo para além do descritivo, mas também analítico; em segundo, a vasta literatura sobre MY e de produção própria como sua autobiografia *Dangerous*; ademais pode-se considerar que até o momento, o agitador tem um ciclo fechado, iniciado em 2014 quando escrevia para o *Breitbart News* e encerrado em 2017 quando foi demitido e banido das redes sociais (*Twitter* e *Facebook*) após defender práticas de efebofilia (HELMORE, 2017); devido a correlação entre o período de sua ascensão – e do blog – com a campanha de Donald Trump; sua relevância midiática, consequentemente seu sucesso ‘profissionalizante’ e ‘financeiro’; por fim, a intromissão pelas mais diversas universidades palestrando para jovens estadunidenses. É importante ressaltar que MY é apenas um dentre imensidade de agitadores anônimos que se conectam e usufruem da exposição que a internet permite. Nosso objetivo não é demonstrar apenas um caso isolado, mas demonstrar a permanência, tanto da parte ativa (agitadores), quanto a parte passiva (massas), de certas respostas subjetivas às condições objetivas da estrutura capitalista, mesmo dentro de contextos históricos distintos.

Operacionalidade

Em Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista, Adorno (1972) questiona como os agitadores, geralmente pouco intelectualizado, têm conhecimentos sobre mecanismos psicológicos que atuam em sua propaganda? A resposta é que agitadores como MY conhece os desejos dos seguidores porque se assemelham a eles. O líder também tem a capacidade de explorar seu próprio inconsciente e colocá-lo para fora. Ou seja, fazer uso racional da sua irracionalidade.

Além de demonstrar a operacionalidade fascista para atingir o inconsciente do receptor, também é possível observar e comparar o conteúdo materialista da análise adorniana no ensaio de Martin Luther Thomas²⁵. Afinal, o período analisado pelo frankfurtiano, os anos 30, o rádio se consolidava nos lares estadunidenses, conhecido como Golden Age of Radio. Não diferente, passamos pelo estabelecimento das redes sociais e dos algoritmos.

Nesse âmbito, é válido enfatizar que internet está longe de ser a principal causa do extremismo contemporâneo. Afinal, as condições sociais e materiais do neoliberalismo já estavam presentes antes da consolidação e popularização desta. Porém, a facilidade de

²⁵ Adorno (1975) investigou os discursos do radialista, pastor e agitador Martin Luther Thomas. Seus discursos radiofônicos alcançaram uma audiência considerável na costa Oeste dos EUA durante os anos 30.

propagação da extrema-direita e os novos métodos de fazer política, chamam a atenção em dois pontos: a dupla possibilidade de exposição, seja ela explícita ou anônima; e a forma como os conteúdos e as informações são distribuídas.

Enquanto os agitadores, impulsionados pela facilidade, gratuidade²⁶ e, pode-se até dizer, ausência de certo ‘filtro de valores’ exigidos no Rádio ou na TV, esbanjam o uso dos dispositivos fascistas; os seguidores gozam do anonimato para acessar e compartilhar preconceitos sem que haja consequências (PHILLIPS, 2016; NAGLE, 2017; WENDLING, 2018).

O segundo destaque refere-se a como as informações são distribuídas em bolhas. Além do anonimato, encontrar semelhantes (*ingroup*) nunca foi tão fácil como hoje em dia. Na verdade, a semelhança (algoritmos) é uma condição *sine qua non* da operacionalidade mercadológica da internet. Fake News não é uma novidade, mas a sua efetividade na disputa política devido a velocidade das informações online é uma experiência recém nascida. O esclarecimento (quantitativo) se convertendo em alienação faz todo sentido no jogo político contemporâneo. O sucesso dos algoritmos, ou seja, a matemática, talvez seja tão importante quanto o conteúdo proposto em uma disputa eleitoral. Como bem apontado por Empoli (2019, p. 26): “É a história de Dominic Cummings, diretor da campanha do *Brexit*, que afirma: Se você quer fazer progressos em política, não contrate experts ou comunicadores. É melhor utilizar os físicos”.

Isso posto, apresentaremos os artifícios que Adorno identifica na propaganda fascista para demonstrar como eles falam a carências e ressentimentos presentes na massa. O primeiro artifício, intitulado Lobo Solitário, refere-se ao fato de o agitador apresentar-se como alguém que luta sozinho, desvinculado de grupos estabelecidos. O intuito é demonstrar não só como ele seria uma opção diferente do *status quo* corrupto e que suas ações são espontâneas, mas também sustentar que ele não recebe ajuda financeira de políticos, blindando-se contra a desconfiança geral frente aos políticos. MY (2017, p. 20) diz justamente que é “uma ameaça porque não pertence a ninguém. Eu não sou afiliado. E eles odeiam isso”. Ele nega, portanto, – e notoriamente por motivos estratégicos ligados a este dispositivo – seu pertencimento a grupos extremistas como *Alt-lite*, *Alt-right*²⁷.

²⁶ Não se deve esquecer que a agitação fascista é uma profissão e um meio de ganhar dinheiro. Consequentemente, por mais repetitivos que sejam esses dispositivos, essa superexposição que a internet permite uma melhor ‘seleção mercadológica’ e apenas os mais funcionais são aplicados e adaptados ao decorrer dos tempos e nos diferentes espaços.

²⁷ Vale lembrar que nossa tese é que esses ‘novos’ grupos não se diferem o suficiente para não serem também analisados pelo diagnóstico frankfurtiano. Apesar de não ser o foco da presente pesquisa, constatamos a devida

O segundo dispositivo, chamado de Liberação Emocional, demonstra de forma exemplar como os agitadores calculam suas justificativas irracionais. Em MY percebe-se nas próprias falas suas verdadeiras intenções, no modo de enxergar política como apenas um ramo do *show business*. A política não deve ser vista como uma coisa séria que impacta diretamente a vida das pessoas, mas como um espetáculo:

Política não se ganha comandando os fatos, mas conectando-se com as experiências das pessoas. É por isso que é tão importante que os conservadores voltem a se envolver com a cultura e o entretenimento, que são o ponto alto da experiência das pessoas no mundo moderno. Todas as nossas brilhantes vitórias políticas chegarão ao fim se não vencermos a guerra cultural. Na verdade, o fato de que a promessa eleitoral de Donald Trump - fazer cumprir as leis de imigração - foi vista como tão controversa, é uma prova de como os progressistas enraizaram suas opiniões sobre nossa cultura (MY, 2017, p. 184).

O Emocionalismo busca a repetição mimética e a redução do autocontrole dos seguidores. Primeiramente, deve-se ter a ciência da escassa gratificação emocional real no cenário social e econômico de hoje. Ademais, não apenas fascismo apossou dessa psicotécnica, como a própria indústria cultural tem como um dos pilares do seu funcionamento o conformismo dócil das pessoas em busca de liberação reprimida dos anseios emocionais. Para o funcionamento do mecanismo, o agitador deve encenar um discurso e fazer com que os pareçam sensatos. Ou seja, a irracionalidade emocional é totalmente racional e calculada pelos agitadores. Ademais, essas gratificações irracionais são falsas pois: “Não há verdadeiro prazer ou alegria, mas apenas a liberação do sentimento de sua própria infelicidade e a conquista de uma gratificação retrógrada a partir da submersão do Eu na comunidade” (ADORNO, 1975, p. 18).

A Inocência Perseguida é um dos artifícios mais usados em *Dangerous*. A todo momento, MY fala sobre os riscos que corre, estimulando a violência em prol da “autodefesa”. Em sua autobiografia a inversão da culpabilidade pode ser detectada pelo simples exame do sumário do livro, pois os títulos de vários capítulos referem-se a grupos que o “odeiam”: “Why the Progressive Left Hates Me”, “Why Feminists Hate Me”, etc. Ou seja, ele não se coloca como alguém que promove o ódio e ataca estes grupos, mas como alguém perseguido por estes grupos.

Muitos agitadores fascistas dizem inicialmente que são apenas Mensageiros do verdadeiro líder, e não líderes eles mesmos. Yiannopoulos também se apresentava como um mensageiro de Trump para as universidades estadunidenses:

importância de articulação que esses grupos exercem no cenário contemporâneo, seja nas redes sociais, como também na rua.

Ao longo deste ciclo eleitoral, Trump foi atacado como um fanático e reacionário em relação à imigração. Com este novo plano²⁸, porém, ele provou, sem sombra de dúvida, que é a única pessoa concorrendo à presidência que pode defender as mulheres e as ‘bichas’. Encarem os fatos pessoal. É a esquerda que quer inundar a América com homofóbicos violentos e misóginos, não Trump. Ninguém com uma visão clara da cultura muçulmana pode acreditar em algo diferente. (MY, 2016a, p. 3)

Não necessariamente o agitador precisa liderar, mas sim instigar a mimese distorcida: “O fascismo também é totalitário na medida em que se esforça por colocar diretamente a serviço da dominação a própria rebelião da natureza reprimida contra essa dominação” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 172).

Ainda no âmbito da comunicação, algo que chama a atenção é a forma como a mídia fornece palanques para esses agitadores²⁹, num exemplo de como o capitalismo, até certo modo, é complacente e permissivo com os totalitarismos. Grande parte da mídia tradicional – e também não tradicional, como os podcasts – aproveita-se economicamente do engajamento resultante dos escândalos produzidos cinicamente pela extrema-direita. A relação entre as mídias e os agitadores possui dois estágios: inicialmente há um mutualismo, a mídia ganha audiência e o agitador obtém espaço para se dirigir ao público. No entanto, a ruptura ocorre quando o agitador coloca em xeque a seriedade desses canais tradicionais, “a ponto de afastar sua audiência convertida de qualquer outra fonte de informação que não seja a do [seu] próprio sistema de informação” (2021, p. 1). Daí o movimento, claramente visível, no sentido da internet ser um importante elemento político para o entendimento contemporâneo.

MY, Trump e a direita de modo geral compreendem muito bem o território fértil da internet. Ainda no período eleitoral, em 2016, Trump atraiu a mídia em um dos seus lançamentos imobiliários para contestar a natalidade de Barack Obama. O caso ilustra como a mídia tradicional é descredenciada:

Os comentários reais de Trump sobre Obama foram limitados a uma única frase: “Obama nasceu nos EUA, ponto final. “Daddy conseguiu publicidade gratuita para seu novo hotel, uma transmissão nacional de apoio à sua campanha por veteranos militares (...). *Trollar*³⁰ a mídia, especialmente com a habilidade sem esforço de Trump, é um caminho garantido para a popularidade na política. Mas eles não podem reclamar que ele joga o jogo melhor do que eles - afinal, foram eles que fizeram as regras em primeiro lugar. No arsenal de campanha de Trump, poucas táticas têm maior probabilidade de cimentar sua popularidade do que sua capacidade hilária de trollar a

²⁸ Referente ao teste ideológico proposto por Trump aos visitantes muçulmanos ao EUA (DEYOUNG, 2016).

²⁹ Jair Bolsonaro, assim como Trump, são exemplos de como o show business aproveitaram dessas caricaturas, inicialmente com tons humorísticos, até a relação se converter em trocas de ataques.

³⁰ “Embora a etimologia do termo seja duvidosa, o troll é tão ubíquo e fácil de reconhecer que a palavra já migrou para a vida offline. Ele é alguém que busca instigar reações fortes e parece se alimentar da própria capacidade de causar confrontos e expor os outros ao ridículo. Embora seja hoje instrumentalizada para uma série de fins políticos e comerciais, na origem da trollagem como fenômeno cultural está uma ética que põe um humor iconoclástico e sem limites —lulz, na linguagem da internet— acima de qualquer consideração de bom gosto, moral, utilidade política ou mesmo bem estar alheio” (NUNES, 2020, p. 1).

mídia. Em uma época em que os jornalistas são desprezados com razão, até mesmo as pessoas que odeiam Trump estão secretamente torcendo por ele (MY, 2016b, p. 1).

Complementar ao artifício do Mensageiro, o dispositivo do Pequeno Grande Homem mostra como a propaganda fascista tenta construir a imagem do líder de maneira a estimular a identificação por parte dos seguidores. Para que ocorra o processo de identificação, o líder deve se ao mesmo tempo forte e fraco. A contradição de um homem com grandes aspirações que é também um homem simples, na verdade representa uma maneira de criar um vínculo psicológico atendendo-se às ambivalências na relação entre o eu e o ideal do eu. Assim, ele deve aparecer como fraco para facilitar a identificação da multidão com um líder não muito diferente dos seguidores; e como forte para corresponder às demandas ligadas ao ideal do eu.

Em *How to be poor* – seu outro livro, MY lamenta e glorifica sua situação financeira:

Minhas dívidas são tão grandes que dariam um bom exercício de cálculo para um indiano que espera por um visto de Donald Trump para que possa roubar o emprego de um americano. Mas é como ouvi alguém dizer em um episódio de *Real Housewives of Potomac*, você tem que ganhar um milhão para dever um milhão, e embora minha exposição pessoal aos desastres dos últimos anos seja mínima, Milo Inc está no vermelho para a quantia de, na última contagem, mais de quatro milhões de dólares. Ainda assim, nem tudo são más notícias. Você sabe o quanto precisa ser bem-sucedido para acabar devendo US \$ 4 milhões? Você sai e tenta endividar-se em quatro milhões. Continue. Diga-me quanto tempo leva para alguém te emprestar tanto dinheiro (MY, 2019, p. 4).

MY e seus semelhantes promovem suas ideias discordantes ausente de sínteses. Nesse sentido, Adorno (1975) demonstra como a publicidade torna-se mediadora entre racionalidade industrial e a idolatria. A todo momento, MY suas ações sem explicação do motivo dos movimentos. Como não há objetivos reais, o agitador não precisa provar nada, o pré-julgamento se torna verdade:

93% das mortes no local de trabalho são do sexo masculino. As taxas de estupro e violência doméstica são muito mais altas nas comunidades muçulmanas do que nas não muçulmanas. A comunidade negra tem um grande problema com o crime e as drogas. Essas declarações são todos fatos (MY, 2017, p. 31).

Como se nota, dados e argumentos são escolhidos arbitrariamente. Geralmente esses conteúdos possuem apelo, sentimentalismo exagerado e cínico. Como já dito, essa ‘encenação’ pode ser entendida pelo complexo de mimese oprimida. Ou seja, a única lógica presente nessas concepções pré julgadas é a de reforçar o elo de identificação do grupo.

Como vimos, agitadores utilizam elementos da racionalidade instrumentalizada para despertar pulsões oprimidas com o propósito da formação grupal. No entanto, pode-se questionar, quais as características do *outgroup*? Na conjuntura de Martin Luther Thomas, o alvo eram os judeus; MY e seus contemporâneos atacam os muçulmanos, as feministas e os movimentos negros. Ora, mas o que esses grupos têm em comum? Para que um grupo seja

escolhido como alvo por agitadores fascistas, é necessário, segundo Adorno, que ele apresente certas características.

Ele precisa ter alguma qualidade (ou qualidades) que permitam distingui-lo, ainda que imaginariamente, da maioria das pessoas; ele precisa estar próximo o suficiente para poder ser atacado e perseguido, mas não de modo a ser bem conhecido e bem integrado socialmente; ele precisa ser distinto o bastante para estar socialmente desprotegido, de modo que a perseguição e a violência exercida contra ele não cause escândalo nem desperte resistência naqueles que não estiverem sendo perseguidos, isto é, nos integrantes da maioria (PEDROSO, 2015, p. 41).

Além das minorias, foi e ainda se mantém fundamental o ataque contra o moinho de vento comunista. Fantasiado por todo agitador, o Imaginário Comunista passa a ser o “perigo imediato que as instituições tradicionais como a propriedade, família e religião devem ser defendidas e contra-atacadas imediatamente” (ADORNO, 1975, p. 116). Os ataques nunca são de fato direcionados a elementos marxianos ou a qualquer teoria marxista. Longe disso, são direcionados ao constructo generalizado criado pelo próprio agitador. Para MY, qualquer pessoa com pensamento minimamente progressista passa a ser um radical:

A nova esquerda se tornou o *Establishment*. Agora é difícil argumentar que qualquer grupo social no Ocidente carecia de igualdade perante a *lei*. Na verdade, graças à persistência dos *planos de redistribuição* do governo e ao crescimento inicial da ação afirmativa, alguns grupos já estavam recebendo tratamento favorecido – um sinal do que estava por vir. Mas a nova esquerda ainda conseguiu o *controle total da mídia*, da academia e das artes, exatamente no ponto em que não eram mais necessários (MY, 2017, p. 37, grifos nossos).

Percebe-se a comum falácia de posicionar a esquerda contemporânea como *establishment*. Para esses agitadores houve um suporte – financeiro e legislativo – advindo de cima, que ajudou a esquerda alcançar a hegemonia cultural. Novamente percebe-se aspectos do Lobo Solitário: difama o comunismo como um sistema abrangente e o coloca como um sistema conspiratório financiado por capitalistas de ‘capital não produtivo’. Não diferente, destaca-se a convergência entre o autoritarismo e a paranoia, com o caráter conspiratório calculado pelo agitador. Já no segundo ponto, a palavra ‘controle’ não faz nenhum sentido sendo que o setor midiático, desde os tempos radiofônicos, é ostensivamente controlado por oligopólios (DE MORAES, 2015).

Ideologia e tipologia fascista

Foram expostos grande parte dos dispositivos e também as performances analisadas por Adorno que promoveriam ideologias totalitárias. Anteriormente, na discussão sobre o neoliberalismo, foram apresentados alguns padrões ideológicos gerais. Adiante, finalizaremos a apresentação com o padrão ideológico nomeado ‘pseudoconservador’. A opção de apresentá-

lo separadamente consiste em continuar a sequência de exposição e trechos ilustrativos do objeto secundário; como também na importância sintética de vários pontos discutidos ao longo do trabalho.

Em TAP, a discussão comparativa entre ideologia genuína e “pseudo” foi introduzida para diferenciar aqueles que pontuaram alto em PEC (Conservadorismo político-econômico), mas baixo em E (Etnocentrismo); com aqueles que tiveram alta pontuação em ambas. Ou seja, o primeiro representa alguém conservador nos valores liberais individualistas e no tradicionalismo estadunidense, porém sem preconceitos com o externo. Enquanto o último se diz conservador com altas pontuações etnocêntricas.

Primeiramente, é impossível separar completamente o que é genuíno de imitação, uma vez que nossos anseios psicológicos são permeados de identificação. Como exemplo, Adorno aduz que seria “obviamente absurdo chamar de não genuínos aqueles traços de uma pessoa que são baseados na identificação com seu pai”. Somado a isso, a relação entre imitação e genuíno não pode ser considerada estática. “O pseudoconservador de hoje pode se tornar o conservador genuíno de amanhã” (TAP, p. 394). Posto esses pontos, cabe então o questionamento: o que demarcaria então um pseudoconservador e genuíno?

Seguindo a linha de pensamento, a “estrutura psicológica que corresponde ao pseudoconservador é convencionalismo e a submissão autoritária no nível do Eu, com violência, impulsos anárquicos e destrutividade caótica na esfera inconsciente” (TAP, p. 379). Dessa forma, MY e todo movimento fascista tentam abarcar em seus discursos ideias e valores tradicionais, no entanto, dão a eles um significado totalmente antidemocrático e destrutivo.

O método mais simples seria definir como ‘pseudo’ aqueles que se contradisseram tanto nas entrevistas, quanto nas escalas. “No entanto, esse procedimento é um tanto arbitrário e mecânico” (TAP, p. 395). Por um lado, facilitaria as definições, mas não ajudaria a etiologia em questão. Dessa forma, a proposta foi encontrar uma hipótese psicológica que fizesse sentido.

Um bom ponto de partida seria a diferenciação entre identificação bem e mal sucedida. Isto é, considerar “genuíno” aqueles com certos padrões autoritários sem grandes conflitos emocionais, “sem forte ambivalência e contratendências destrutivas” (TAP, p. 395). Em contrapartida, os ditos ‘pseudos’ apontaram uma identificação autoritária apenas no nível superficial. “Eles são forçados a exagerá-la continuamente para convencer a si mesmos e os outros de que pertencem, (...) às camadas certas da sociedade” (TAP, p. 395).

Posto que no nível psicológico os pseudoconservadores estão ancorados em uma identificação incompleta, pode-se considerar a ligação à um traço já discutido e que também

está presente, de certa maneira, nos conservadores genuínos: a identificação com os grupos sociais mais elevados:

A identificação que falhou é provavelmente, na maioria dos casos, aquela com o pai. Aquelas pessoas nas quais esse fracasso não resulta em nenhum antagonismo real à autoridade, que aceitam o padrão autoritário sem, entretanto, internalizá-lo, provavelmente são aqueles que se identificam sociologicamente com os grupos sociais mais elevados (TAP, p. 397).

Isso vai justamente de encontro com um forte alvo da propaganda nazista: alemães de classe média frustrados que haviam perdido suas bases econômicas. Aquelas “que não viam nenhuma chance para si mesmas, a não ser um atalho de se juntar a um poderoso movimento que lhes prometia emprego (...)” (TAP, p. 397); ou uma guerra bem sucedida³¹ nos anos 40. Por outro lado, há a busca por ascensão por parte da necessidade psicológica ausente de um supereu referente a necessidade de pertencimento de um grupo. O esnobismo é descaradamente notável na mente fascista de MY no sentido de “pisar para subir”. No discurso abaixo, verifica-se explicitamente uma amostra de convencionalismo:

Defender os afortunados, bem-sucedidos e capazes nunca foi particularmente popular. As pessoas são naturalmente inclinadas a simpatizar com os oprimidos e a ter pena dos menos afortunados. Mas você ocasionalmente precisa de um Nietzsche³² ou Rand para lembrar a sociedade por que lutar pela grandeza - seja poder, fama ou riqueza - é importante. A melhor maneira de ajudar os menos afortunados não é proclamar sua virtude superior, mas ajudá-los a melhorar sua condição. Você precisa da extravagância das elites para motivar os menos afortunados (MY, 2017, p. 164).

Essa identificação com os grupos superiores utilizados como pressupostos para escalar na vida econômica é algo que um conservador genuíno supostamente não aceitaria. Afinal,

o genuíno consegue fazer uma crítica a seu *ingroup*, escolheria suas decisões político-econômicas guiado mais pela racionalidade do que por motivações irracionais. Assim, ele defende o capitalismo liberal e o individualismo, por exemplo, com teorias e argumentos justificados e não por simples concordância com a classe dominante. E, o mais importante, o genuíno rejeita os preconceitos contra minorias – mesmo que seja justamente o sistema sociopolítico capitalista defendido por ele que produza tais preconceitos (...) (COSTA, 2019, p. 249).

Adorno Et al (2019) enfatizou esse ponto pois consideravam que a ideologia pseudoconservadora conseguia sintetizar as duas frentes estudadas (o psicológico e material), além de reunir elementos discutidos no texto de Thomas e das ideologias trabalhadas em TAP. Em suma, a discussão apropria elementos da psicanálise (identificação bem e mal sucedida), não como condições determinantes e fixas, mas que acrescentam sobre uma teoria social crítica, neste caso, a frustração socioeconômica da classe média.

³¹ Algo bem semelhante com as promessas dos governos da extrema-direita que disputaram ou entraram no poder atualmente: soluções econômicas rápidas para a classe média e muros para os “empecilhos”.

³² Observa-se aqui a clássica caricatura deturpada do Super-homem nietzschiano (DIAS, 2007).

Além dos complexos ideológicos, Adorno Et al (2019) desenvolveu uma tipologia própria com o intuito de acrescentar mais uma camada no diagnóstico fascista. Mas antes, cabe o adendo sobre as críticas de psicologismo à obra. Outro acréscimo importante é que não se pretende bater o martelo sobre as possíveis síndromes da mente de MY. A proposta aqui é apenas o cruzamento da sua bibliografia com as descrições adorniana e apontando os atributos que mais se aproxima do agitador.

As críticas advêm de dois extremos: a tipologia “nunca captura a unicidade e porque suas generalizações não são estaticamente válidas nem sequer fornecem ferramentas heurísticas produtivas” (TAP, p. 515). Em suma, ambos pontos criticam o ato de transformar traços e impactos históricos sociais em estatísticas quase biológicas. Tal suposição – de classificações nítidas – não necessariamente é inerente a toda tipologia. Na verdade, são mais versões e adaptações populares – e distorcidas – do que propriamente conceitos originais. Evidente que há a busca à categorização no conhecimento psicológico, mas esses não são os principais objetivos. Somado a isso, nem toda tipologia busca o binarismo – outra crítica comum sobre o uso de tipologias.

A escolha dos tipos psicológicos não significa “uma mera tentativa arbitrária e compulsiva de trazer alguma ordem à diversidade confusa da personalidade humana” (TAP, p. 522). Por outro lado, a renúncia total das generalizações “não resultaria em verdadeira empatia em relação aos indivíduos humanos, mas sim em uma verdadeira descrição opaca e sombria de “fatos” psicológicos”³³ (TAP, p. 523). Na própria teoria de Freud, há generalizações que transcendem casos isolados, e essas generalizações implicam na regularidade que se aproximam da ideia de “tipos”. A oralidade ou caráter compulsório de MY, embora derivados do “individualismo”, só fazem sentido

se forem acompanhadas do pressuposto implícito de que as estruturas assim denominadas e descobertas no interior da dinâmica individual de um indivíduo pertencem às constelações básicas das quais se espera que sejam representativas, não importando quão únicas possam ser as observações nas quais elas se baseiam (TAP, p. 523).

Adorno Et al (2019) enumera os critérios adotados na aplicação. (I) Ser uma tipologia crítica no sentido de localizar o homem como função social. De acordo com o filósofo, melhor do que definições advindas unicamente da linguagem clínica, o uso da sociologia nos constructos psicológicos ajudam alcançar certas simplificações. Por exemplo: a relação entre categorias “clínicas”, a adulação de um pai punitivo, são facilmente relacionadas com a

³³ Como há elementos tipológicos em qualquer teoria psicológica, seria inoportuno excluir a tipologia do diagnóstico autoritário *per se*.

sociologia da crença autoritária pela autoridade. (II) Diferente da rigidez encontrada nos altos pontuadores de carimbos sociais e o pensamento estereotipado, a pesquisa busca a dicotomia entre os seres que pensam de forma padronizada e os verdadeiros indivíduos que se opõem à padronização.

A começar, pode-se considerar que os altos pontuadores possuem uma estrutura tipológica *per se*. Convencionalismo, submissão autoritária, projetividade, violência, manipulabilidade e paranoia regularmente caminham juntos. Sendo assim, todas sub síndromes devem ser entendidas como esquema geral referente aos altos pontuadores.

Apesar da paranoia não ser uma tipologia na classificação adorniana, esta rodeia toda mente fascista. Como dito previamente, a projeção seria o reverso da mimese genuína. O problema não é a projeção por si, mas a ausência de reflexão sobre ela:

Como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar. Ao invés de ouvir a voz da consciência moral, ele ouve vozes; ao invés de entrar em si mesmo, para fazer o exame de sua própria cobiça de poder ele atribui a outros (...). Ele incha e se atrofia ao mesmo tempo. Ele dota ilimitadamente o mundo exterior de tudo aquilo que está nele mesmo; mas aquilo de que o dota é o perfeito nada, a simples proliferação dos meios, relações, manobras, a práxis sinistra sem a perspectiva do pensamento. A própria dominação que, mesmo sendo absoluta, é, em sentido próprio, sempre um mero meio, torna-se nessa projeção irrefreada, ao mesmo tempo, seu próprio fim e o fim de outrem, ou melhor, o fim em geral (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 176 – 177).

Os impulsos do indivíduo, são atribuídos ao objeto (a vítima em potencial). No fascismo, esse comportamento é utilizado como norma racional. Dessa forma, o indivíduo com desejo de matar, argumenta legítima defesa. Ou então o país considera os vizinhos como potencial ameaça. Em MY, estimular a paranoia é um dos seus principais atos:

No verão de 2015, a Europa abriu suas portas para milhões de pessoas que gostariam muito de me matar – e você também, provavelmente. Depois que uma foto de um menino sírio afogado se tornou viral, as elites globalista como Angela Merkel, explorou a simpatia para abaixar a ponte levadiça de um continente inteiro, recebendo milhões de migrantes muçulmanos, e dando mais um passo na direção da eliminação das fronteiras nacionais (MY, 2017, p. 189).

Na medida em que MY só percebe o mundo exterior da maneira como ele corresponde a seus fins cegos, ele só consegue repetir o seu eu alienado numa mania abstrata.

O Ressentimento Superficial, não necessariamente caracteriza MY devido tom da passividade – algo distante de um agitador –, mas consideramos pertinente sua exposição por fazer parte do social de modo geral. Não seria um tipo, mas é uma condensação de manifestações racionais, conscientes ou pré-conscientes do preconceito. São pessoas que aceitam os estereótipos de preconceito de fora com o intuito de racionalizar e superar suas frustrações. Quando há necessidade de equilíbrio do Eu, busca-se algum “culpado” pela situação de crise – a econômica por exemplo. Pessoas que nunca tiveram contato ou

experiências negativas com o *outgroup* “mas simplesmente adotam o julgamento pronunciado externamente por causa do benefício que extraem dele” (TAP, p. 538).

A Síndrome Autoritária foi a tipologia que mais se aproximou dos altos pontuadores. A partir dela, é possível detectar o padrão psicanalítico sadomasoquista:

a repressão social externa é concomitante com a repressão interna dos impulsos. A fim de alcançar a internalização do controle social, que nunca dá ao indivíduo tanto quanto ele tira, a atitude deste último em relação à autoridade e à sua agência psicológica, o supereu, assume um aspecto irracional. O sujeito alcança seu próprio ajuste social apenas sentindo prazer na obediência e na subordinação. Isso traz à tona a estrutura de impulsos sadomasoquistas, tanto como condição quanto como resultados do ajuste social. Em forma de sociedade, as tendências sádicas, assim como as tendências masoquistas, realmente encontram gratificação. O padrão para a tradução de tais gratificações em traços de caráter é a resolução específica do complexo de Édipo que define a formação da síndrome aqui em questão. O amor pela mãe, em sua forma primária, é posto sob um severo tabu. O ódio resultante contra o pai é transformado, por uma formação reativa, em amor. Essa transformação do ódio em amor, a tarefa mais difícil que um indivíduo tem que executar em seu desenvolvimento inicial, nunca é completamente bem-sucedida. Na psicodinâmica do “caráter autoritário”, parte da agressividade precedente é absorvida e transformada em masoquismo, enquanto outra parte é deixada ao sadismo, que busca uma saída em direção aqueles com que o sujeito não se identifica: em última instância, o *outgroup*. O judeu frequentemente se torna um substituto para o pai odiado, muitas vezes assumindo, em um nível de fantasia, as mesmas características do pai contra as quais o sujeito se revoltava, tal como a de ser prático, frio, dominador e mesmo um rival sexual (TAP, p. 544-545).

A citação abaixo ilustra a crença religiosa punitiva de MY:

Sim, faço sexo com meu marido, mas, como católico, sei que existem pecados muito piores do que a luxúria. Os pecados da carne estão na parte inferior da escala das transgressões, porque envolvem meramente um amor mal calibrado dirigido a “objetos bons”, como diz Dante. A Igreja diz que a justiça própria está no topo da pilha de pecados. Estou bastante confiante de que, por essa medida, estou em uma forma muito melhor do que minhas inimigas feministas e republicanas do *establishment* e, por falar nisso, em uma forma muito melhor do que alguns dos cardeais que encontraremos nestas páginas. Não foi à toa que algumas das punições mais fortes na legislação da Igreja foram reservadas para aqueles que abusam de crianças e adolescentes (MY, 2018, p. 29-30).

Na maioria dos casos, o indivíduo carrega o fardo da culpa e literalmente procura por punição. Privado de um caminho satisfatório para um ajuste pós-edípico satisfatório e continuamente assolado por fantasias parricidas, a culpa adquirida só pode ser aliviada por meio do castigo. O caráter autoritário, ligado com a força, é concomitante à rejeição de tudo que está abaixo. Dessa forma, o discurso é convertido em uma espécie de punição merecida. “Isto é acompanhado por ataques moralistas indicativos da rigorosa repressão de vários desejos” (TAP, p. 550).

RESULTADOS

O presente trabalho refletiu se o diagnóstico elaborado pelos frankfurtianos sobre a personalidade autoritária ainda é capaz de explicar a sociedade e a persistência da extrema-direita contemporânea. Foi demonstrado que a própria forma organizacional da sociedade e o clima cultural possuem condicionantes que cooptam respostas fascistas do indivíduo.

Como objeto comparativo foi escolhido a figura do líder Milo Yiannopoulos. Dentre os mais diversos exemplos apresentados, buscamos: (I) confirmar a hipótese inicial de que sim, o diagnóstico frankfurtiano fornece, em sua maioria, explicações plausíveis para o fascismo e para a contemporaneidade; (II) demonstrar a importância da abordagem psicológica (empírica-crítica) no diagnóstico, uma vez que, a partir do enfraquecimento generalizado devido a racionalização instrumental, o líder cria um vínculo fictício com o potencial seguidor que busca autovalorização.

A pesquisa se complementa com o panorama geral da sociedade neoliberal. Nesse sentido, apresentamos duas circunstâncias da atual funcionalidade: (I) a relação entre Estado e privado e a corrosão da democracia em prol da falsa ilusão de autogovernança. Apesar de novas formas de poderes descentralizadas, não significam que o poder também tenha se disseminado. Com isso, cada vez mais, os impactos negativos na subsistência social estão cada vez mais perceptíveis; (II) dessa forma, o segundo ponto apresentado foi justamente como o indivíduo está sendo impactado pela estrutura neoliberal. Nesse ponto, defendemos como o indivíduo passou a se comportar como uma empresa dirigente de si, disposto a sacrifícios em prol da sobrevivência econômica do todo.

Concluimos nessa parte que, mesmo com algumas diferenças entre o Estado forte e interventor descrito como capitalismo de Estado e as desregulamentações do neoliberalismo, há aspectos de continuidade e até aprofundamentos das características da personalidade autoritária.

Muitos analisam a negação do frankfurtiano de descrever o que seria uma sociedade emancipada. De acordo com Fleck (2015), isso ocorre por dois motivos: primeiramente, um ideal de sociedade correta seria inútil. “A transformação social é motivada pela crítica do existente, e a crítica, por sua vez, é incitada pela análise dos sofrimentos presentes que poderiam ser abolidos” (FLECK, 2015, p. 123). Em segundo lugar,

na própria imaginação do crítico, ainda que fosse o mais radical, imiscui-se o já existente que justamente precisaria ser abolido. Na medida em que está inserido e moldado pela sociedade que o circunda, o crítico acaba por reproduzir seu mundo no ideal que cria para se contrapor a ele (Ibid, p. 123).

Apesar de recusar a construção de uma utopia, ao menos do modo geral, Adorno (2000) apresenta alguns indícios que, de acordo com ele, ajudaria na mínima consciência antifascista. Em primeiro lugar, Adorno (2000) recomenda uma elaboração clara acerca do passado. No sentido de uma educação política séria, fortalecer nas universidades a sociologia voltada para as pesquisas históricas e reeducar os educadores. No entanto, Adorno estava ciente que o clamor exclusivo pela educação exige ressalvas. É comum pessoas que não querem confessar tendências antidemocráticas opinarem que democracia estaria bem se as pessoas fossem apenas educadas e mais “maduras”. No entanto, as mesmas esquecem de que a educação está relacionada com privilégios e que, essa fetichização da educação “excluiria políticas, aqueles que, por causa de sua situação econômica, precisam mais urgentemente de uma mudança social” (TAP, p. 429). Ademais, como analisado nesta pesquisa, se o fascismo sobrevive na sociedade neoliberal, Adorno (2000) acredita então numa limitação da pedagogia do esclarecimento. Seja ela psicológica ou sociológica, na prática só atingirá os que são abertos a ela, justamente os que são antifascistas. Porém, não se deve perder as esperanças que desse grupo surjam lideranças capazes de atingir o todo. Um próprio exemplo disso foi a produção científica de TAP.

Em segundo lugar, sendo extremamente limitada a possibilidade mudanças estruturais, isto é, políticas e sociais, a possibilidade possível seria trabalhar o lado subjetivo. O filósofo sugere o reavivamento da psicanálise no sentido de naturalizar a atitude de não exteriorizar a violência, mas refletir sobre si mesmo e sobre a relação com destinatário da violência (ADORNO, 2000). Porém, até que ponto o perigo fascista pode ser combatido pela psicologia? Primeiro que os preconceituosos não estão doentes no sentido usual. Mas nenhuma defesa verdadeiramente séria, não seria funcional se não levasse em conta a fase subjetiva. Assim como vimos que a estrutura neoliberal é multifacetada, deve-se conter um recorte para que a defesa seja adaptável para diferentes grupos. Uma defesa geral, cairia no raso (TAP, 2019).

Por fim, talvez a maneira mais imediata ao combate a barbárie seja justamente o recorte escolhido para essa pesquisa. O combate ao agitador. Direcionar energias ao combate dos líderes como MY seria, das propostas adorniana, a mais simples uma vez que seus dispositivos são determinados e limitados. Porém, “[o] passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pôde manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas” (ADORNO, 2000, p. 49).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**; Org. por Virginia Helena Ferreira da Costa. – São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- ADORNO, T. W. “**Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda**”. In: *Gesammelte Schriften*, 8.II. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1972.
- ADORNO, Theodor. W. **Minima Moralia**. Lisboa: Edições 70, 1951.
- ADORNO, Theodor W. et al. **The authoritarian Personality**. Nova York: Harper, 1950.
- ADORNO, T. W. **The Psychological Technique of Martin Luther Thomas' Radio Adresses**. In: *Gesammelte Schriften*, 9. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1975
- ANTUNES, Deborah Christina. Por um conhecimento sincero no mundo falso: Teoria Crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality. 2012.
- BENVENISTE, Annie; PINGAUD, Etienne. Far-right movements in France: The principal role of Front National and the Rise of Islamophobia. In: **The Rise of the Far Right in Europe**. Palgrave Macmillan, London, 2016. p. 55-79.
- BROWN, Wendy. **Cidadania Sacrificial: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade**. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo** / Wendy Brown traduzido por Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. - São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019
- COSTA, Virginia Helena Ferreira da. “**A Personalidade Autoritária**”: **Antropologia Crítica e Psicanálise** - São Paulo, 2019.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.
- DE MORAES, Dênis. Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In: DE MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder: Da concentração monopólica à democratização da comunicação**. [: Boitempo editorial, 2015. cap. 1.
- DEYOUNG, Karen. Trump proposes ideological test for Muslim immigrants and visitors to the U.S. **Washington Post**. p. 1, 15 ago. 2016. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/national-security/trump-to-propose-ideological-test-for-muslim-immigrants-and-visitors-to-the-us/2016/08/15/3192fdb6-62fc-11e6-be4e-23fc4d4d12b4_story.html. Acesso em: 6 jan. 2022.
- DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet**. 2007.

EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições.** Vestígio Editora, 2019.

ERLANGER, Steven; EDDY, Melissa. Angela Merkel Makes History in German Vote, but So Does Far Right. **New York Times**, 2017.

FAUSTO, Ruy. Revolução conservadora e neoliberalismo. **Revista Rosa**, v. 2, n. 3, 2020. Disponível em: <https://revistarosa.com/2/revolucao-conservadora-e-neoliberalismo-1>. Acesso em: 14 maio 2022.

FLECK, Amaro de Oliveira. **Theodor W. Adorno: um crítico na era dourada do capitalismo** – Florianópolis, 2015.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos: 1920-1923.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações.** Edições Loyola, 2008.

HELMORE, Edward. Milo Yiannopoulos resigns from Breitbart News over pedophilia remarks. **The Guardian**, Nova Iorque, , 22 fev. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/feb/21/milo-yiannopoulos-resigns-breitbart-pedophilia-comments>. Acesso em: 6 jan. 2022.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LAGO, Miguel. “BATALHADORES DO BRASIL...”: Só a reencarnação de Getúlio Vargas pode derrotar Bolsonaro. **Piauí**, v. 176, 1 maio 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/batalhadores-do-brasil/>. Acesso em: 6 jan. 2022.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política.** São Paulo: Boitempo editorial, 2017.

NAGLE, Angela. **Kill all normies: Online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right.** John Hunt Publishing, 2017

NEIWERT, David. **Alt-America: The rise of the radical right in the age of Trump.** Verso Books, 2017.

NUNES, Rodrigo. Alvim errou a mão na trollagem nazi inspirada na direita dos EUA. **Folha de S. Paulo**, [S. l.], p. 1, 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/01/alvim-errou-a-mao-na-trollagem-bolsonarista-inspirada-na-direita-dos-eua.shtml>. Acesso em: 18 mar. 2021

PEDROSO, Gustavo. Elementos Sociopsicológicos do Totalitarismo. In: MARI, Marcelo e RUFINONI, Priscila (orgs.). **Ditadura, modernização conservadora e universidade: debates sobre um projeto de país.** Goiânia: UFG, 2015. p. 29-43.

PHILLIPS, Whitney. **This Is Why We Can't Have Nice Things:** Mapping the Relationship between Online Trolling and Mainstream Culture. London: The MIT Press, 2015.

YIANNPOULOS, Milo. **Dangerous.** Boca Raton: Dangerous Books, 2017.

YIANNPOULOS, Milo. Donald Trump Just Overtook The Democrats On Gay Rights. **BREITBART**, 15 ago. 2016a. Disponível em: <https://www.breitbart.com/social-justice/2016/08/15/republicans-just-overtook-dems-gay-rights/>. Acesso em: 6 jan. 2022.

YIANNPOULOS, Milo. **How to Be Poor.** Boca Raton: Dangerous Books, 2019.

YIANNPOULOS, Milo. Trump's Ritual Humiliation Of The Media Will Make Him Even More Popular. **BREITBART**, [S. l.], p. 1, 17 set. 2016b. Disponível em: <https://www.breitbart.com/social-justice/2016/09/17/trump-troll-media-popular/>. Acesso em: 6 jan. 2022.

WENDLING, Mike. **Alt-right: From 4chan to the White House.** Pluto Press, 2018.